II ENEHISP

CADERNO DE RESUMOS

Simpósio Temático 17

St17 HISTÓRIA POLÍTICA, COMUNIDADES TRADICIONAIS E POVOS DE TERREIRO

+ SESSÃO DE COMUNICAÇÃO LIVRE 6

COORDENADO POR

Ailton da Guia Gonçalves Júnior Tim
Marcus Vinicius Souza

PPGH Unimontes Programa de Pós Graduação em História Social | LAPPS ufjf Laboratório de História Política e Social | Grupo de Estudos e Pesquisa do Pensamento Autoritário



ST17 . CRONOGRAMA

Simpósio Temático 17

CRONOGRAMA DE APRESENTAÇÕES

HISTÓRIA POLÍTICA, COMUNIDADES TRADICIONAIS E POVOS DE TERREIRO

9 DE OUTUBRO DAS 14H ÀS 18H | GOOGLE MEET

COORDENAÇÃO

Ailton da Guia Gonçalves Júnior Tim
Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).
ailtonjunior9421@gmail.com

Marcus Vinicius Souza
Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes).
zbnmarcus21@gmail.com

Sessão mista. Reúne o Simpósio Temático 17 e a Sessão de Comunicação Livre 6, no mesmo dia e horário e sob a mesma coordenação. Primeiro são apresentados os trabalhos do Simpósio; em seguida, as comunicações livres.

SIMPÓSIO TEMÁTICO

9 de outubro, das 14h às 18h

O horário deste Simpósio Temático é ocupado integralmente pelas comunicações livres da sessão.

SESSÃO DE COMUNICAÇÃO LIVRE 6

após as comunicações do Simpósio, na ordem abaixo

ORDEM	TÍTULO DO TRABALHO	HORÁRIO
1	"Todos nós vamos morrer um dia": a pandemia como laboratório experimental da necropolítica bolsonarista	–
2	Comunistas e trabalhadores de usinas açucareiras em Campos dos Goytacazes: estratégias de ação e organização (1926-1935)	–
3	Vozes da capoeira: a expansão da Capoeira Angola em Campos dos Goytacazes através da oralidade	–
4	A revista Claridade e a crítica à emigração cabo-verdiana para São Tomé e Príncipe no século XX	–
5	Cultura é política: Miniteia Contestado e a articulação das associações na preservação da cultura cabocla	–

SESSÃO DE COMUNICAÇÃO LIVRE

SL6

Sessão de Comunicação Livre 6, realizada junto ao Simpósio Temático 17

9 de outubro das 14h às 18h · Coordenação: Ailton da Guia Gonçalves Júnior Tim · Marcus Vinicius Souza

As Sessões de Comunicação Livre reúnem trabalhos aprovados no II ENEHISP e alocados pela Comissão Organizadora junto a um Simpósio Temático, ampliando o diálogo do Simpósio com outros temas da história política.

"Todos nós vamos morrer um dia":
a pandemia como laboratório experimental da necropolítica bolsonarista

Claudia Maria Cardoso Parente[1]

Em 2020, enquanto o mundo se via às voltas com a mais grave crise sanitária dos últimos 100 anos, o Brasil enfrentava um desafio com potencial para elevar a letalidade da pandemia do novo coronavírus à condição de catástrofe, que veio a resultar em mais de 700 mil mortos. Alinhado ao vírus, o discurso do então presidente Jair Bolsonaro minimizava os riscos da doença, desprezava o conhecimento científico, naturalizava mortes coletivas e, acima de tudo, colocava a defesa da vida e a sobrevivência da economia como questões irreconciliáveis para justificar o desrespeito às medidas restritivas de sociabilização, recomendadas pelas maiores autoridades de Saúde como estratégia para conter a covid-19. Mas esse não era um pensamento nascente. Bolsonaro já defendia seu próprio modelo de sociedade antes da emergência da pandemia. Seus discursos na Câmara dos Deputados desde o início dos anos de 1990 e suas declarações de cunho autoritário e discriminatório em programas televisivos atestavam seu desapego à democracia e sua indiferença à vida dos mais vulneráveis, a ponto de declarar, em plenário, que pobre só servia para votar e não devia sequer ter direito sobre o próprio corpo. Nessa comunicação, pretendemos mostrar como a pandemia criou as condições ideais para o chefe do executivo federal tentar concretizar essa visão de mundo, cujo modelo de governamentalidade se apoia num neoliberalismo necropolítico, marcado naquele momento pelo incentivo ao risco de morte. Mobilizamos a noção de necropolítica do filósofo Achille Mbembe para compreender como ela se aplica (e foi aplicada) naquele cenário e compartilhamos com Foucault o entendimento de que o discurso, para além de uma abstração linguística, é uma prática social que envolve saber e poder, com efeitos concretos que podem se disseminar indefinidamente.

Palavras-chave: pandemia; covid-19; necropolítica; bolsonarismo

[1] Doutoranda em História, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). claudiaprocula@gmail.com

Comunistas e trabalhadores de usinas açucareiras em Campos dos Goytacazes:

estratégias de ação e organização (1926-1935)

Leonardo Soares dos Santos [2]

O presente artigo trata das tentativas desenvolvidas pelo Partido Comunista do Brasil (PCB) durante os primeiros anos de sua existência, de atuação em prol da organização e mobilização dos trabalhadores das usinas de açúcar em Campos dos Goytacazes (Rio de Janeiro), entre 1926 e 1935. Campos foi por esta época la principal força política e economia de toda região fluminense. Sua economia era em grande parte sustentada na produção dos engenhos de cana. Em meados do século XX havia ao redor de 40-50 mil trabalhadores deste segmento. A inserção dos comunistas em a cidade é indissociável da relação do PCB com esse tipo de trabalhador. Tal é o principal ponto desta investigação. Em que pese as dificuldades materiais e políticas vivenciadas pela agremiação durante essa época, em função da dura repressão do qual era alvo desde sempre e da imensidão do país, o que tornava muito difícil acessar a zona rural do país, ainda mais com tão poucas vias de transporte disponíveis, os comunistas não ignoraram a importância da questão agrária. O debate sobre o tema foi intenso no período e mesmo ações práticas foram realizadas, ou pelo menos tentadas. Mesmo que efêmeras e diminutas, tais realizações merecem ser analisadas, pois mais do que limitações do partido, elas dizem respeito aos problemas cruciais do Brasil no tocante aos dilemas do campo. Neste trabalho, portanto, efetuamos uma análise da atuação dos membros daquele partido do Partido, precisando as primeiras iniciativas, as estratégias de atuação, as formas de mobilização, redes de informação e difusão de ideias e documentos. Ao contrário do que se supõem lendo alguns textos sobre a história dos comunistas no Brasil, o caso da atuação do PCB em Campos demonstra que remonta há vários anos antes de 1945 uma preocupação com a questão agrária: os esforços de Octávio Brandão (um dos dirigentes do Partido) e a atuação de figuras como Nina Arueira e Adão Pereira Nunes constituem evidências significativas.

Palavras-chave: Comunistas; Trabalhadores de usina; Campos dos Goytacazes.

[2] Doutor em História, Universidade Federal Fluminense (UFF). leonardo_dos@id.uff.br

Vozes da capoeira:
a expansão da Capoeira Angola em Campos dos Goytacazes através da oralidade

Sara Vitória Bessa da Silva [3]

Criada por africanos escravizados, a capoeira surge como uma forma de resistência física, diante das intensas repressões impostas durante a escravidão. E apos o fim da escravidão, seus praticantes denominados de capoeiristas, na epoca eram vistos como marginalizdos, baderneiros, vadios, que traziam desordem na cidade. Com as discriminações e perseguições para com a capoeira e seus praticantes, após a proclamação da república em 1888, um novo código civil entra em vigência e a capoeira então passa a ser criminalizada e proibida pelo art. 402 do Capítulo XIII dos Vadios e Capoeiras. Diante disso, após longos anos de descriminação, o cenário passa a ser outro, a capoeira se torna um dos elementos centrais da cultura popular afro-brasileira, que teve um papel fundamental na formação da sociedade brasileira. Mais do que uma simples luta, a capoeira se consolidou como um espaço de preservação das tradições africanas no Brasil, reunindo movimento, música, ritualidade e identidade. Dessa forma, ela representa não apenas uma prática corporal, mas também um importante patrimônio cultural que mantém vivas memórias, saberes ancestrais. Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo compreender o processo de expansão da Capoeira Angola no município de Campos dos Goytacazes, utilizando relatos e narrativas produzidas a partir da História Oral. Para isso, foram realizadas conversas com mestres e capoeiristas das vertentes angola e contemporânea que residem no município e que vivenciaram ou receberam de seus mestres experiências relacionadas a esse período de formação. Buscando identificar como ocorreu a expansão da Capoeira Angola em Campos, quem foram os primeiros mestres e grupos envolvidos e onde surgiram as primeiras rodas, e as dificuldades encontradas nesse período, reconstruindo esse percurso histórico por meio dessas vozes. Concluindo que a Capoeira Angola não chegou ao município de Campos dos Goytacazes por meio de praticantes tradicionais dessa vertente os “Angoleiros”. Em vez disso, seu surgimento na cidade está relacionado a mestres da Capoeira Regional que, embora formados em outra linhagem, demonstravam simpatia pela Capoeira Angola.

Palavras-chave: Oralidade, Capoeira Angola, Campos dos Goytacazes.

[3] Bacharel em História, Universidade Federal Fluminense (UFF). saravitoria@id.uff.br

A revista Claridade e a crítica à emigração cabo-verdiana para São Tomé e Príncipe no século XX

Igor Santos Carneiro [4]

Este trabalho analisa a revista Claridade (1936-1960) como espaço de construção de uma crítica intelectual à emigração de cabo-verdianos destinados ao trabalho nas roças de São Tomé e Príncipe. Ao colocar no centro da produção literária a seca, a fome, a pobreza, a insularidade e a necessidade de partir, os claridosos transformaram a emigração em problema social, questionando sua representação como característica natural da experiência cabo-verdiana. António Carreira (1977), ao estudar historicamente as migrações do arquipélago, demonstra a diferença entre os movimentos migratórios espontâneos e aqueles condicionados pela pobreza e pelo recrutamento de trabalhadores para outras possessões portuguesas. Nesse contexto, São Tomé e Príncipe ocupava lugar particular no imaginário cabo-verdiano, pois a partida para suas roças esteve associada às condições de extrema vulnerabilidade das populações atingidas pelas crises econômicas e alimentares. Augusto Nascimento (2003), ao investigar a presença cabo-verdiana em São Tomé e Príncipe, evidencia que as roças constituíram espaços marcados por hierarquias, disciplina laboral e relações profundamente desiguais entre trabalhadores e proprietários. A literatura claridosa tornou essas contradições socialmente visíveis. Manuel Ferreira (1980) compreende a geração da Claridade como momento decisivo de aproximação da literatura à realidade concreta das ilhas, enquanto Pires Laranjeira destaca a importância do movimento claridoso para a formação de uma consciência literária e social cabo-verdiana. Argumenta-se, portanto, que a representação da emigração na Claridade não pode ser reduzida ao drama existencial da partida ou ao chamado “terralongismo”. Ao relacionar fome, seca, pobreza e evasão populacional, seus intelectuais expuseram as condições coloniais que empurravam parte da população para as roças santomenses. Dessa maneira, a Claridade contribuiu para retirar a emigração do campo do destino e inseri-la no campo da história, evidenciando as desigualdades que articulavam Cabo Verde à economia colonial portuguesa.

Palavras-chave: Cabo Verde; São Tome e Príncipe; Colonialismo; Claridade

[4] Doutorando, Universidade Federal do Maranhão (UFMA). igorsantosuema@gmail.com

Cultura é política:
Miniteia Contestado e a articulação das associações na preservação da cultura cabocla

João Felipe Alves de Morais [5]

A Guerra do Contestado (1912–1916) permanece um marco histórico de violência e resistência no Sul do Brasil, mas sua memória e a cultura cabocla dela derivada segue sendo sistematicamente invisibilizada por órgãos públicos municipais e estaduais. Esse apagamento se manifesta na ausência de políticas de proteção a sítios históricos, no desinvestimento em pesquisa e turismo e, mais recentemente, na substituição da região turística "Vale do Contestado" por "Vale dos Imigrantes". O presente trabalho tem como objetivo investigar a construção política dos grupos culturais de preservação da memória cabocla do Contestado, tomando como recorte empírico o encontro da Miniteia Contestado, que reuniu representantes de organizações como a Associação Cultural Cabocla Filhos do Contestado, a Associação Paulo Freire de Educação Popular, o Grupo Cultural Renascença Cabocla, a Matakiterani e a Monteca. A partir da análise documental do evento, busca-se responder à seguinte questão-problema: é possível perceber uma construção política no trabalho realizado por essas associações? Metodologicamente, a pesquisa adota abordagem qualitativa, com análise das atas, relatos e materiais produzidos na Miniteia, além da observação participante, articulada a um referencial teórico baseado nos estudos da cultura política, sociabilidades, interseccionalidade e convergência. Em sua relação com a História do Tempo Presente, a pesquisa entende que a luta dessas associações não se restringe ao passado, mas configura uma ação política contemporânea de resistência ao apagamento e de reivindicação por justiça histórica e cidadania cultural. Os resultados esperados apontam para a confirmação de que os grupos analisados constroem, sim, uma práxis política ao disputar narrativas, ocupar espaços e mobilizar afetos e saberes contra-hegemônicos.

Palavras-chave: Guerra do Contestado; História do Tempo Presente; Movimentos sociais.

[5] Doutorando, Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). joao_f_morais@hotmail.com

II ENEHISP

PPGH Unimontes
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

LAPPS ufjf
LABORATÓRIO DE HISTÓRIA POLÍTICA E SOCIAL



Grupo de
Estudos e Pesquisa do
Pensamento Autoritário